

A COEDUCAÇÃO ENTRE AS GERAÇÕES NOS ESPAÇOS FORMAIS E NÃO FORMAIS DE APRENDIZAGEM: LIMITES E POSSIBILIDADE DE UMA PRÁTICA EDUCATIVA

Deysiene Cruz¹
Patricia da Hora²
Maria Auxiliadora Pimenta³

RESUMO: O presente trabalho objetiva conhecer como os processos educativos presentes na relação intergeracional no contexto da sociedade brasileira contemporânea ocorrem e podem ser implementado nos diversos espaços formais e não formais de aprendizagem. O estudo contou com um percurso metodológico partindo da pesquisa-ação, com caráter exploratório e bibliográfica, à luz da abordagem qualitativa, tendo como campo empírico coletivos da Educação de Jovens e Adultos - EJA na representatividade de espaços formais de educação, bem como os coletivos dos Serviços de Convivências e Fortalecimentos de Vínculos - SCFV, este como espaço não formal de aprendizagem. É uma pesquisa que se apoia em autores(as) que abordam a temática como Ferrigno (2006 e 2010), Freire (1991 e 1998), Goldmam (2002), Gong (2006) Magalhães (2000), Minayo (2010) entre outros(as) autores(as). e algumas legislações específicas das temáticas citadas. A presente investigação propicia no final dos seus descritos o conhecimento sobre a coeducação como a interlocução entre crianças, adolescentes,(as) e pessoas idosas e idosos de pontos de transmissão de saberes, construção e (re) construção de valores, de memórias, de convivências, de fortalecimento de vínculos e acima de tudo como solidariedade humana a partir da vivência entre as diversas gerações.

Palavras-chave: Coeducação. Intergeração. Prática.

INTRODUÇÃO

O presente artigo traz como problemática a importância de práticas intergeracionais desenvolvidas nos diversos espaços de educação formal e não formal de aprendizagem como possibilidades da quebra de preconceitos, troca de saberes e vivências, no entanto como esta se dá através da coeducação defendida por Ferrigno (2010), é desenvolvida nos espaços formais e não formais porém não identificada como tal prática.

¹Assistente Social e Docente do Ensino Superior. Mestre em Educação de Jovens e Adultos e membro do Grupo de Pesquisa Programa de Educação Inclusiva – PROGEI da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: deysienecruz@hotmail.com

²Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Docente do MPEJA e coordenadora do Grupo de Pesquisa Programa de Educação Inclusiva – PROGEI da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: patricia@inclusaodahora.com.br

³ Pedagoga. Mestre em Educação de Jovens e Adultos e membro do Grupo de Pesquisa Programa de Educação Inclusiva – PROGEI da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: mauxiliadora.mp37@gmail.com

Como objetivo central o estudo busca a compreensão dos diversos espaços de aprendizado, sejam eles formais e não formais, como meio onde ocorrem práticas intergeracionais a partir do conceito de coeducação.

Para sua construção, este trabalho científico tem como suporte teórico autores(as) que discutem a intergeração, espaços formais e não formais de aprendizagem e essencialmente a co-educação como prática educativa em seus limites e possibilidades. Versa um percurso metodológico de abordagem qualitativa e suas nuances enquanto pesquisa.

Como considerações temporais, percebeu-se as conexões que as relações intergeracionais promove de trocas e (re)construção de entendimento social, político, cultural e como este potencial se desenvolve nos espaços formais e não formais através dos(as) educadores(as) e educandos(as) e paralelamente se efetiva a coeducação.

A COEDUCAÇÃO ENTRE AS GERAÇÕES: DOS ESPAÇOS FORMAIS AOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE APRENDIZAGEM

Falar sobre a coeducação entre as gerações nos remete sem delongas a ideia da intergeração. Esta inicialmente se inicia no convívio que se enfatiza a dimensão das relações entre genitores(as) e filhos(as), entre avós e netos(as) sendo esta a primeira experiência de sociabilidade humana inerente ao curso de existência do homem, afirma Ramos (2006).

No entanto, falar de intergeração no contexto contemporâneo é debruçar na ideia de atual onde apesar da longevidade de vida é um marco sobretudo contemporâneo e a ideia ainda timidamente conceitual nos meios acadêmicos, porém necessários a compreensão. Assim, o primeiro entendimento parte da autora Britto da Motta (2004, p.109) que assegura:

“O reencontro e a solidariedade geracionais são grandes e bons momentos iniciais na trajetória do idoso em busca da redefinição de seu lugar social, mas deverão ser também base e fortalecimento para a busca - que deveria ser da sociedade inteira - da convivência, privada e pública, com outras gerações. E desse tipo de movimento, de passagem do encontro intrageracional para o intergeracional pouco se tem notícia.” (Brito da Motta, 2004, p.118).

Partindo da concepção da autora, afirma que a ideia intergeracional ainda é muito tímida, por vezes se confunde com a ideia intrageracional, que perpassa pela comum relação entre indivíduos da mesma geração, seja criança com criança, adolescente com adolescente, mulher com mulher, adulto com adulto, pessoa idosa com pessoa idosa, em suma, toda relação entre os pares segmentários. Contudo, a autora faz a alusão que a intergeração é então a relação entre pessoas idosas com os demais segmentos etários de uma sociedade e ainda afirma que tal realidade deveria ser a partir da sociedade inteira e não apenas a partir da pessoa idosa em busca desta relação.

De outro modo, porém semelhante, aponta Salles Oliveira (1999) que reflete sobre a convivência entre avós e netos/as. O autor defende que, independentemente da condição etária, pode-se aprender e mudar a partir da experiência do outro, tendo como premissa básica a igualdade de direitos e respeito às diferenças. Salles Oliveira (1999, p.14) mostra que, através da convivência, avós e netos/as “são capazes de criar práticas originais, de reinterpretar ideias e sugestões, de reinventar o que já vem pronto e de fazer de suas vidas uma travessia de partilhas e mudanças”. Ainda segundo o autor os idosos e crianças de maneiras distintas se educam reciprocamente.

De modo que ainda se compreenda a intergeração, afinal categoria primordial para entender a coeducação, aponta-se neste estudo Ferrigno (2010) que defende a interação entre as pessoas idosas e adultos, sejam estes(as) educadores(as) e educandos(as) na medida em que se flexibiliza relações, (com)partilha valores e comportamentos, bem como diminui o preconceito etário uma vez que possibilita incrementar a inclusão social entre velhos, jovens, adultos, crianças. Observa-se que ambos(as) os(as) autores(as) destacam a ideia de que sujeitos de diferentes gerações (velhos, criança, jovens e adultos) juntos(as) a troca de aprendizagem, logo a educação defendida por Freire (1981) se constitui.

Sendo assim, faz-se necessário compreender esta educação que Freire (1991) defende como o processo constante de criação do conhecimento a partir da reflexão humana. É o conhecimento posto em prática. É uma forma de intervenção e reinvenção de mundo através do conhecimento, do diálogo da reflexão da troca.

Sendo assim, para Ferrigno (2010) a educação vai além da ideia de escola e utiliza-se do termo de processos educativos como um conceito de educação onde a contemporaneidade estava longe de se estabelecer de Olivier Reboul (1980, p. 8) como ação que permite a um ser humano desenvolver suas aptidões físicas e intelectuais, assim como seus sentimentos sociais, estéticos e morais, com o fim de cumprir, tanto quanto possível, sua tarefa de homem.

A educação ou processos educativos como sempre utiliza em seus escritos é para Ferrigno (2010) uma prática de liberdade, tendo como inspiração Platão, pioneiro em conceito de educação e Freire, o mestre universal sobre a discussão.

Pensar processos educativos para Ferrigno é pensar como diz Jonh Look em sua teoria da “tabula rasa” em que o sujeito humano nasce como um “papel em branco” e vai se formando a partir das suas sociabilidade e sabemos que esta sociabilidade se dá inicialmente na família, prosseguindo nas relações entre colegas de brincadeira, nos grupos da adolescência, nas relações de trabalho, e também via meios de comunicação e assim a compreensão de que é um processo que não é somente da criança, mas do adulto, das pessoas idosas e todos os humanos.

No entanto, vale destacar que este processo de educação aqui defendido por Ferrigno (2010) é pressuposto entre educando (as) e educador(a) em espaços formais e não formais de aprendizagem de forma que utiliza-se de técnicas e do diálogo como essencial meio de troca e (re)construção da aprendizagem tão citada nesta discussão.

Para melhor entendimento é importante mencionar, brevemente, o que são esses espaços. Assim, Gonh (2006) menciona os espaços formais como aqueles espaços que tem uma regulamentação curricular de formação técnica e profissional e se estabelecem nas escolas, sejam em suas diversas modalidades, entre elas a EJA que além de ter um público alvo diverso, é intergeracional o que já sabemos que é a relação entre as gerações e isto apontam determinantes dos mais diversos comportamento social, classe, gênero, etnia, cultura e etc. Situa-se ainda que para atender esta heterogeneidade de público a EJA baseia-se em diretrizes próprias, bem como na diretriz determinada em Lei de Diretrizes e Bases Brasileira de 1994.

Além dos espaços formais, temos também os espaços informais que de acordo com Gonh, 2006 caracteriza-se o processo não formal da educação, aqui neste estudo o SCFV como modelo de espaço não formal. É um espaço cujo método de aprendizagem constante é a

interação entre os sujeitos alvo. Afirma Gonh(2006) que neste contexto não possui uma regulamentação curricular, contudo existe uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes, onde a possibilidade de interagir com o mundo que está a sua volta e suas relações sociais se estabelece e assim cria-se o dito processo educativo.

Dito isto a base intergeracional utilizada neste estudo é intergeração ocorrida nestes espaço onde possuem educandos(as) e educadores(as). Nesta ocasião vale dizer que para Ferrigno(2010) que se inspira nos autores que versam o diálogo, nestes espaços que promovem o processo educativo, como primordial, pois assim assegura que o(a) educador(a) enquanto educa, é educado, em diálogo com o(a) educando(a) e vice e versa. Ambos são os sujeitos do processo educativo ali naquele espaço seja ele formal ou não formal. Ambos se educam, crescem, trocam, caracterizando assim o processo de coeducação.

É possível afirmar que a coeducação é o diálogo que constrói uma relação entre os iguais, por exemplo, dentro de um grupo de adolescentes ou de idosos, ou em associações, mas também é o diálogo e relação entre os diferentes como a que ocorre entre as gerações ou entre indivíduos de diferentes etnias.

Isto nos chama atenção como pretende Ferrigno (2010) para pensar como esta prática inclusive pode ser um antídoto a toda uma história de preconceitos e intolerância recíproca entre brancos e negros ou entre árabes e judeus pode se constituir em um excelente Outra grande ideia da coeducação e sua importância se dá quando o assunto é violência de gênero em um mundo ainda marcado por atitudes discriminatórias em relação à mulher.

Ferrigno (2010) apud Bosi (1979, p. 32) nos mostra como ocorre a transmissão de experiências dos velhos aos jovens, afirmando que “há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças”.

Por essa questão percebe-se como a intergeração existente nos espaços formais e não formais de aprendizagem são além de latente um importante e impar meio para que a coeducação seja compreendida pelos agentes que já desenvolvem, porém a desconhece. Nesta ótica, compreender melhor a intergeração dar-se-a propriedade para não apenas compreender que enquanto educador(as) já exercem, mas para multiplicar a prática desvelada.

Nos espaços acima indicados como exemplos de espaços de formais e não formais, percebe-se que existem a intergeração e parafraseando Arnaldo Antunes (2000, p. 57), antes de mim vieram os velhos, os jovens vieram depois de mim e estamos todos aqui no meio do caminho dessa vida vinda antes de nós, e assim pode-se construir uma espécie de troca onde todos são e serão velhos.” Esta deve ser uma realidade a qual devemos suscitar sempre nas pessoas e a intergeração trabalhada pode e promove tal experiência.

É importante referenciar Freire (2000, p.58), quando defende “só existe o saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem do mundo, com o mundo e com os outros” ou seja, o ato pedagógico a partir da vivência cultural, social, política, econômica e ideológica do/a educando/a e que na EJA esse ato pode se dá com as experiências partilhadas entre seu público intergeracional internamente inserido.

O fenômeno social do compartilhamento de espaços sociais, nesse estudo a EJA como referência desse espaço, está intrinsecamente ligado às determinações de moldes de idade ou pelo molde geração como é epistemologicamente conhecido. Para tanto, faz-se necessário conceituar a terminologia geração.

“As gerações são mais que coortes demográficos. Envolve segmentos sociais que comportam relações familiares, relações entre amigos e colegas de trabalho, entre vizinhos, entre grupos de esportes, artes, cultura e agremiações científicas. Implicam estilos de vida, modos de ser, saber e fazer, valores, ideias, padrões de comportamento, graus de absorção científica e tecnológica. (MAGALHÃES, 2000,p. 37).

É um fenômeno que destaca as relações sociais entre grupos etários distintos onde não se considera apenas a cronologia, mas deve considerar os estilos de vida, o saber, valores, memória, com intuito de viabilizar uma relação entre as distintas gerações. Partindo deste pressuposto, surge a intergeração que segundo Goldman (2002, p.28) é “ um conceito que se vive, que se aplica à vida cotidiana. É uma forma de aproximação entre as gerações para melhor compreender e buscar, solidariamente soluções aos problemas que envolvem todas as faixas etárias.”.

Para a existência da intergeração é necessário retomar o senso de coletividade e solidariedade, ultrapassando o individualismo, ou o recorte geracional predominante na sociedade contemporânea. Como afirma Magalhães (2000, p. 153): “Aproximar gerações é objetivo do

trabalho social que busca quebrar barreiras geracionais, eliminar preconceitos e vencer discriminações”.

É perceptível a intergeração como efetivação da coeducação onde se configura a partir das possibilidade de trocas, pois como afirmado pelos teóricos e legislações, propõe-se o partilhamento de gerações diversas como jovens, adultos e idosos e é uma realidade onde se percebe a troca de solidariedade, a troca de saberes, a troca de valores de forma como Oliveira, 1999; Barros, 1987, quando referem-se a relações entre as gerações, ou seja, relações intergeracionais como o repasse do conhecimento dos mais velhos para os mais novos, reproduzindo as relações sociais do início do século em que o idoso era o dono do saber, perpetuador do conhecimento muitas vezes transmitido através de ordens e ausência de diálogo.

PROCEDIMENTO METODOLOGICO

Este trabalho tem uma abordagem qualitativa que procurou investigar o espaço formal de educação, a escola, em suas diversas modalidades, e o espaço não formal de educação que permite o compartilhamento de experiências, principalmente de situações interativas construídas coletivamente.

Segundo Minayo (2012, p. 21), a abordagem qualitativa responde a questões muito particulares. Trabalha com o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes. O que concerne em conhecer a qualidade do objeto estudado, apropriar-se do maior número de informações no intuito de adquirir um melhor resultado ao fim da observação.

Partindo da característica dessa abordagem de cunho qualitativo, construímos a identidade desta investigação com a experiência da pesquisa de campo, que se configura a partir de “[...] meios para definir e resolver não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizam suficientemente” (Marconi; Lakatos, 1996, p.66). Para tanto, imergiu-se na pesquisa-ação para melhor vivenciar esta proposta metodológica, sendo então compreendido por pesquisa-ação o que conceitua Thiollent (1985, p. 14):

“A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.”

Coadunando com a ideia da presente pesquisa em compreender a coeducação nos espaços formais e não formais de aprendizagem, já realizada nas práticas educativas porém não compreendida como uma prática existente, tem-se a pesquisa-ação como grande aliada uma vez que a esta pesquisa busca de forma cooperativa apresentar resultados de vivências, e as experiências da pesquisadoras nos diversos espaços advém da sua atuação profissional como assistente social em interiores no Recôncavo da Bahia e defende que esta prática precisa ser multiplicada para conhecimento dos(as) educadores(as) e

educandos(as) sempre envolvidos neste potencial de trocas.

A pesquisa-ação tem sua característica com o processo sócio político de construir compreensões sobre determinado contexto coletivo. Desta forma, é uma pesquisa de ação por ser investigativa, possuir um conjunto de procedimentos técnicos e operativos para o conhecimento da realidade ou um aspecto desta e com o objetivo de transformá-la pela ação coletiva. Para sua construção, como todas as outras formas de pesquisa, a pesquisa ação pressupõe de um caminho composto pela pesquisa de campo e assim Fonseca (2002, p. 32) defende a pesquisa de campo como característica de investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas. Esse cruzamento de recursos nos permitiu atrelar informações do campo teórico com o prático, o que enriqueceu o resultado do estudo.

Sendo assim é uma pesquisa que conta sujeitos e estes são (as) educandos(as) e educadores(as) dos diversos espaços formais e não formais, que vivenciam a realidade da intergeração e conseqüente ocorre o processo da coeducação entre estes, bem como ainda a autora, pois utiliza-se ainda da sua observação participação nas suas vivências como profissional das políticas sociais se que se estabelece neste estudo nos espaços formais e não formais representados como o lócus da pesquisa.

É importante ressaltar que esta realidade exploratória da pesquisa se deu pela experiência viva,

através de entrevistas não padronizadas, observações e como afirma Proença (2008) é uma modalidade de pesquisa que requer que o observador seja parte do universo investigado para entendimento do contexto das ações e apreensão dos aspectos simbólicos que o permeiam. É um método de coleta de dados que se pretende apreender o máximo de conhecimento dinâmico sobre dada situação ou fenômeno afirma Minayo (2012).

Portanto, uma técnica que possibilita o conhecimento através da interação entre o pesquisador e o meio, propiciando uma visão detalhada da realidade e neste artigo a realidade se dá através espaços de educação formal como a EJA e não formal como o SCFV que proporcional a intergeração, logo a coeducação.

BREVES REFLEXÕES ENCONTRADAS (DISCUSSÕES)

As práticas intergeracionais nos diversos espaços promovem as possibilidades de ressignificar a aproximação entre as diversas gerações, de restabelecer os vínculos que o afastamento afetivo provoca, de modificar o sentimento de estranheza e de desconhecimento frente ao processo de envelhecimento como processo inerente a existência humana e conseqüentemente pode até modificar o elevado comportamento estereotipado e preconceituoso entre as pessoas, e tal experiência é definida como coeducação.

Para melhor compreensão de que ocorre a coeducação através da intergeração tanto na EJA como nos SCFV enquanto modelos de políticas sociais e representantes dos espaços formais e não formais de aprendizagem, vale brevemente abordar o que Magalhaes (2000) aponta quando diz que em grupos geracionais as pessoas se articula com a cultura, esporte, lazer e espaços de participação social.

A partir desta articulação entre a diversidade de indivíduos de uma geração tem-se a chamada prática intergeracional que tem sua centralidade no intercâmbio entre grupos etários distintos e na troca que pode se estabelecer entre eles e ainda para Magalhães, conceitua-se a relação intergeracional ou intergeração como práticas intergeracionais, ou seja, a relação entre as gerações utilizando-se de campos de ações próprios, como métodos e técnicas utilizado através

de educadores, agentes sociais e catalisadores de aproximações e troca de afetividade.

Percebe-se ser o convívio entre as gerações em diversos espaços que inevitavelmente promovem estas práticas de coeducação por permitir o compartilhamento de experiências, principalmente de situações interativas construídas coletivamente, a interação social capaz de alcançar atitudes de solidariedade,

Esta experiência é uma convivência onde ocorrem atividades intergeracionais que se pautam na ideia de Magalhães (2000) que é a aproximação entre as diversas gerações com o objetivo de troca de saberes, quebra de paradigmas, possibilidade de aproximação das gerações, de articulação de saberes, da troca de valores e principalmente da compreensão do processo de envelhecimento e então de respeito a esta fase da vida como ações educativas que favoreçam a promoção de uma melhor de cidadania e principalmente o processo de inclusão social da pessoa idosa que estatisticamente é apresentado pela grande mídia e estudos como ser que diariamente se torna excludente neste cenário contemporâneo.

Percebe-se como resultados da modalidade dos espaços formais e não formais de aprendizagem tem grupos intergeracionais, mesmo com estudos ainda inexistentes, é notório que esta aproximação intergeracional sinaliza a “ressignificação” do convívio entre crianças, adolescentes, jovens e idosos, sobretudo, onde as histórias pessoais de vida são valorizadas e transmitidas de forma que os comportamentos são renovados já que a memória cultural e de valores “domésticos” são multiplicados e repassados dos velhos para os jovens.

CONSIDERAÇÕES TEMPORAIS

A proposta nos leva a refletir sobre a coeducação é bastante pertinente neste presente estudo especialmente pelo modo de ser “poeticamente” descrito respeitando as questões de gênero na linguagem, algo talvez não emblemático no mundo da escritas clássicas, porém importante especialmente por conta de uma relação recíproca e solidária que a coeducação estabelece e promove entre as pessoas e esta não se dá apenas pela relação intergeracional como prioriza o estudo, mas também por relações raciais, de gênero e etc.

São considerações temporais, justamente por versar em um estudo que aponta a coeducação como ocorrida através das relações entre as gerações em espaços de educação formal e não

formal, em uma interlocução com experiência na EJA, mas certamente possíveis em outros tantos espaços e ainda nos espaços informais, podendo serem estas vertentes como possibilidades de ampliação deste estudo. Sem contar que considerações temporais versam a uma proposta reflexiva de estudos poucos discutidos a nível de Brasil, também pioneiro aqui na Bahia e ainda muito tímido na academia como um todo, por isto o recorte do título desta última seção, impõe dos limites às possibilidades.

Por fim, a coeducação nestes espaços da EJA e do SCFV pode ser momento de “ressignificação” e aprendizagem entre crianças, adolescentes, jovens e idosos são multiplicados e repassados.

Em suma, pode-se afirmar que a coeducação existe em diversos destes espaços, contudo não é compreendida pela sua tímida discussão nas áreas das ciências sociais e humanas ainda no Brasil e por isso faz-se necessário seja a partir deste ou de novos estudos a discussão e multiplicação de tal prática que para além do processo de aprendizagem aponta grande contribuição para melhoria das vicissitudes sociais existentes no contexto contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- DEBERT, G.G.A. **Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade**. IN: Barros, M.M.L.de (org). **Velhice ou terceira idade**. Rio de Janeiro: FGV, v.3, p.46-67. 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- _____. **Educação Como Prática da Liberdade**. 14. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- FERRIGNO, José Carlos. **Coeducação entre gerações**. 2. ed. São Paulo: Edições Sesc-SP, 2010.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002. Apostila.
- GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GOLDMAM, Sara Nigri. **As Dimensões sócio políticas do Envelhecimento**. Ed. Holambra. Rio de Janeiro, 2006.

GONH, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. poli. publi. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50,p.27-38,jan/mar. 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE (2000). **Censo demográfico 2000**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 03 de agosto de 2017.

MAGALHÃES, D. N. **Intergeracionalidade e cidadania**. In: PAZ,Serafim. Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia? Rio de Janeiro:CBCISS-ANG/RJ. (2000).

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa** : planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

_____.**Metodologia científica** . 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 31 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo: Cortez,1985.